

1945 – 1991

A GUERRA FRIA

AMOSTRA

1945 – 1991

A GUERRA FRIA

Michael Kerrigan

AMOSTRA



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2024

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
Década de 1940	9
Década de 1950	41
Década de 1960	83
Década de 1970	129
Década de 1980	173
Década de 1990	207
CRÉDITOS DAS FOTOS	224



Introdução

“Vamos enterrar vocês”, avisou o premier soviético Nikita Khrushchov aos inimigos ocidentais num discurso nas Nações Unidas em novembro de 1956. Até hoje, não se sabe se ele queria dizer que os comunistas enterrariam os capitalistas nas ruínas das cidades com um apocalipse nuclear ou se simplesmente durariam mais do que eles graças à superioridade do sistema socialista. Mas na época todos estavam à sombra de um confronto que quase poderia ter destruído o mundo em questão de horas, mas que sabidamente já mantinha a paz por vários anos.

LOUCURA

Toda uma ordem internacional foi construída sobre ambiguidades desse tipo. Principalmente na Europa, comunismo e capitalismo vinham se enfrentando havia uma década, contidos à força pelo equilíbrio do medo que ficou conhecido como *mutually assured destruction*, destruição mutuamente assegurada, abreviado como MAD — “louco” em inglês.

Por algum tempo, os comentaristas se esforçaram para encontrar um modo de caracterizar esse tipo de conflito. A expressão



ACIMA:

CHOQUE DE SÍMBOLOS

A bandeira soviética era uma declaração, um *slogan* até: a foice e o martelo representam os trabalhadores da indústria e da agricultura; o vermelho, o sangue que derramaram. A bandeira dos EUA era mais mundana na sua mensagem: as 13 listras eram as colônias iniciais e as estrelas, os estados modernos. Sua rivalidade na época da Guerra Fria representava não só uma inimizade geopolítica como uma oposição em grande escala de sistemas de valores.

“Guerra Fria” foi popularizada pelo escritor inglês George Orwell e pegou. Orwell, embora esquerdista por suas convicções, vinha murchando com o desprezo pelo totalitarismo da URSS. Nominalmente, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, para citar o nome inteiro, era uma democracia: um coletivo de cooperativas de trabalhadores tamanho extragrande. Na realidade, ele achava que seu povo estava escravizado. A apregoada “liberdade” dos Estados Unidos talvez não significasse muita coisa para os seus pobres oprimidos, mas pelo menos ali havia a possibilidade de representação real.

À ESQUERDA:

DESTRUIÇÃO MUTUAMENTE ASSEGURADA

Uma charge publicada no jornal *Daily Mirror* em 1954 mostra o presidente americano Dwight D. Eisenhower e o primeiro-ministro do Reino Unido Winston Churchill trocando insultos com o então premier soviético Nikolai Bulganin. Eles dizem: “Podemos fazer uma explosão mais barulhenta do que a sua”; a legenda é “Falando numa posição de força”. Eisenhower avisou que o conflito das superpotências acarretaria um mundo devastado, a “civilização destruída”, a humanidade condenada a começar do zero a longa e dolorosa evolução para sair da selvageria.



ACIMA:

ARENA DA GUERRA FRIA

A Guerra Fria envolveu o mundo inteiro, mas, durante meio século, sua linha de frente ficou na Europa.

É claro que a imagem em essência da Guerra Fria como um impasse de meio século é irremediavelmente eurocêntrica. Como veremos, a estabilidade que (praticamente) se manteve ao longo da “Cortina de Ferro” foi obtida, em grande parte, pelo transbordamento do conflito em outras áreas do mundo. E, até certo ponto, por seu deslocamento para esferas alternativas, do esporte à exploração espacial, das artes à assistência ao desenvolvimento.

Já parece história, mas, para toda uma geração que ainda hoje ainda não é muito antiga, o confronto da Guerra Fria configurou o mundo. As pessoas aprenderam a viver ao mesmo tempo ameaçadas e protegidas pela possibilidade da guerra nuclear ou suportaram conflitos trágicos e apavorantes em países aparentemente muito distantes da linha de frente ideológica, só para que o “equilíbrio de poder” geral se mantivesse.



Década de 1940

A Segunda Guerra Mundial mal tinha começado quando se iniciou a década de 1940. Nem os Estados Unidos, nem a União Soviética estavam envolvidos ainda. Em retrospecto, podemos ver que essa ou aquela evolução da guerra influenciaria o futuro conflito Ocidente–Oriente, mesmo que isso não fosse claro na época. A disposição de Stálin de concordar com o pacto Molotov–Ribbentrop com a Alemanha nazista em agosto de 1939 ressaltou o seu cinismo implacável aos olhos ocidentais; a anexação subsequente dos estados bálticos em 1940 deixou claríssimas as suas aspirações expansionistas.

Por sua vez, apesar dos protestos ocidentais de boa-fé, Stálin desconfiava que a lentidão dos

aliados na abertura da “Segunda Frente” no sul da Europa assinalava a disposição deles de ver a URSS praticamente destruída antes da vitória na guerra. Enquanto isso, o foguete alemão V2 entrou em cena tarde demais para afetar o resultado da guerra, mas com bastante tempo para fazer os líderes mundiais pensarem.

No entanto, no fim de 1943 o exército anglo-americano avançava pela Itália, onde o ditador fascista Benito Mussolini tinha sido derrubado. Em meados de 1944, as forças soviéticas rechaçaram o avanço alemão na Rússia e passaram à ofensiva, enquanto os aliados ocidentais assumiam a iniciativa no Pacífico.

PÁGINA AO LADO:

VIROU FUMAÇA

Em agosto de 1945, o lançamento da primeira bomba atômica em Hiroshima apressou a rendição do Japão no fim da Segunda Guerra Mundial. Isso também serviu de tiro de advertência para os outros inimigos dos Estados Unidos — uma pista do poder de fogo inaudito que ainda poderia ser liberado.





PÁGINA AO LADO:

REDUZIDA A ESCOMBROS

A grande cidade portuária de Nagasaki foi praticamente arrasada pela explosão da segunda bomba atômica, lançada em 9 de agosto de 1945. Aqui, vemos a catedral católica, uma ruína instantânea.

À ESQUERDA:

PORTAL PARA LUGAR NENHUM

O santuário Sanno, um templo xintoísta, ficava a apenas oitocentos metros do epicentro da explosão e, na maior parte, foi arrasado. A construção arqueada desse portal permitiu que a explosão o atravessasse e o contornasse, fazendo com que a estrutura sobrevivesse ílesa.

ABAIXO:

ANIQUILAÇÃO ATÔMICA

A bomba transformou Nagasaki num cenário de absoluta devastação. Acredita-se que a té 80 mil pessoas morreram.



Até então, imaginar uma conclusão bem-sucedida do conflito seria desafiar o destino; no início de 1945, algo a ser planejado. Assim, em fevereiro foi convocada uma conferência em Ialta, na Crimeia, para os líderes aliados discutirem a ordem no pós-guerra. O ditador soviético Josef Stálin serviu de anfitrião para o presidente americano Franklin Delano Roosevelt e o primeiro-ministro britânico Winston Churchill.

Embora a derrota do nazismo fosse causa de júbilo, já ficava claro que a libertação significaria algo bem diferente na Europa ocidental e no bloco oriental (Alemanha Oriental, Polônia, Tchecoslováquia, Bulgária, Romênia, Hungria, Albânia e Iugoslávia) sob domínio soviético. Mas os sacrifícios feitos pela União Soviética e a sua contribuição à derrota da Alemanha eram tão grandes que parecia impossível recusar a sua autoridade sobre a área.

Mesmo assim, o Acordo de Ialta de 1945 deixou no Ocidente um resíduo de ressentimento. Winston Churchill, especificamente, não gostou do que via como capitulação à tirania. Embora rápido ao sentir, na década de 1930, o perigo que Hitler e a ascensão do nazismo representavam e da sua obstinação admirável em denunciá-lo numa época em que muita gente no seu próprio país não se dispunha muito a escutar, ele foi um adversário declarado e veemente da União Soviética desde a sua criação em 1917. (Mais tarde, ele exprimiria várias vezes o arrependimento de



À DIREITA:

AMIGOS OU INIMIGOS?

Os “Três Grandes” (da esquerda para a direita, Stálin, Roosevelt e Churchill, com aparência levemente amuada) exibem calma, determinação e solidariedade em Ialta. Nos bastidores, as relações eram mais cautelosas.





não terem “estrangulado no berço” o “bebê” bolchevique.)

A derrota de Hitler em maio de 1945, por mais que fosse bem-vinda, deixou a guerra vencida pela metade, no que lhe dizia respeito. Certamente, ele não via razão para as democracias ocidentais se deitarem sobre os louros. Na verdade, algumas semanas depois, em junho, quando a poeira ainda não tinha baixado, ele tentou convencer o presidente Truman a concordar com uma invasão anglo-americana imediata da URSS enfraquecida pela guerra. (Harry S. Truman foi vice-presidente de Roosevelt e o sucedeu quando ele morreu repentinamente naquele mês de abril, às vésperas da vitória.) Churchill deu ao seu plano o codinome melodramático de Operação *Unthinkable* (“impensável”).

“IMPENSÁVEL”

E era mesmo impensável, no que dizia respeito a Truman. Quase tão impensável para nós hoje é o pressuposto fácil de Churchill de que conseguiria convencer, forçar e até tratar com desdém um presidente americano. No entanto, na época aquilo não pareceu tão presunçoso. Afinal de contas, a Grã-Bretanha

dominava um vasto e rico império; embora dominante no seu hemisfério, os Estados Unidos ainda eram uma potência emergente.

No entanto, em 1945 a história estava em avanço acelerado. Poucas semanas depois, a ordem global mudou. A ordem moral também, segundo alguns. Em 6 de agosto, “Little Boy”, a primeira bomba atômica, foi lançada na cidade japonesa de Hiroshima pela Superfortaleza B-29 chamada Enola Gay. A cidade foi completamente destruída, com o custo de mais de 70 mil vidas (e outras dezenas de milhares morreram pelo efeito da radiação em prazo mais longo).

Os defensores da ação americana apontam o número enorme de vidas salvas com a interrupção da Guerra do Pacífico, que se encerrou após o lançamento de uma segunda bomba, dali a três dias, na cidade portuária de Nagasaki.

Stálin não teve dúvida de que, qualquer que fosse a devastação causada em Hiroshima e Nagasaki, ele também era “alvo” desses ataques. Ele não tinha dúvida de que as bombas eram um aviso de que coisa pior aconteceria caso a União Soviética passasse dos limites — embora também houvesse nelas uma mensagem para Churchill e outros líderes.

PÁGINA AO LADO, NO ALTO:

CAI O PANO

No Westminster College, em Fulton, no estado americano do Missouri, Churchill fala de uma “Cortina de Ferro” que desce “de Stettin, no Báltico, a Trieste, no Adriático”. Embora, ao que parece, não tenha cunhado a expressão, sem dúvida ele a popularizou: ela se tornou a formulação clássica das divisões trazidas pela Guerra Fria.

PÁGINA AO LADO, EMBAIXO:

TITO

Josip Broz, o marechal Tito, comandou os guerrilheiros iugoslavos na resistência heroica contra os alemães durante a guerra. No entanto, embora fosse um comunista leal, mais tarde ele se mostrou igualmente resistente às agressões de Stálin e comandou a saída da Iugoslávia do Bloco Soviético em 1948.

PÁGINAS SEGUINTE:

PASSOS À FRENTE

Inspirados pelos soviéticos, os rebeldes ficaram satisfeitos de preencher a lacuna deixada pela retirada das forças japonesas derrotadas na Ásia Oriental. Aqui, vemos soldados do Viet Minh vietnamita no território que, antes da guerra, era a Indochina francesa.



